

AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR

Gabriela Aita*

Cíntia de Souza Alferes Araújo**

AITA, G.; ARAÚJO, C.S.A. Afetividade e aprendizagem no ensino superior. **EDUCERE** - Revista da Educação, Umuarama, vol. 6, n.1, p. 49-60, jan./jun., 2006

RESUMO: Aprender “a viver” e “a ser” é a grande questão que as universidades devem abordar. Até que ponto as universidades e seus professores estão educando para a vida e ajudando os acadêmicos a atingirem a satisfação pessoal? Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo evidenciar a importância do papel do professor no desenvolvimento da afetividade e a relação desta com o processo ensino-aprendizagem no Ensino Superior. Para o desenvolvimento do tema proposto, optou-se pela pesquisa bibliográfica, através da análise e fichamento de livros e periódicos. Os dados da literatura evidenciam que as relações afetivas não podem ser ignoradas, pois fazem parte da natureza humana e podem interferir de forma negativa ou positiva nos processos cognitivos. O relacionamento afetivo pressupõe interação, respeito pelas idéias alheias, dedicação, troca e interesse, tornando a aprendizagem mais agradável e produtiva. Nesse contexto, a boa convivência entre professor e aluno na universidade desperta afeição e espírito coletivo como fatores importantes e positivos para o sucesso na aprendizagem. Desta forma, o trabalho do professor consiste em tornar as vitórias possíveis. Para que o professor tenha noção do seu posicionamento político frente ao seu trabalho, ele precisa primeiramente ter clareza do que sabe, do seu projeto de ação, da sua convivência e do apoio afetivo aos seus alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Aprendizagem. Ensino Superior.

AFFECTIVITY AND LEARNING IN HIGH EDUCATION

ABSTRACT: Learning how to live and to be is the great subject that the universities should approach. To what extent are the universities and teachers educating for the life and helping the academics reach the personal satisfaction?

*Enfermeira. Especialista em Docência no Ensino Superior pela Universidade Paranaense - UNIPAR. gabriela@unipar.br

**Mestre em Estomatopatologia - UNICAMP. Especialista em Docência do Ensino Superior - UNIPAR. Professora da Universidade Paranaense - UNIPAR - cintia@unipar.br

In that sense, the present article has as objective to evidence the importance of the teacher's role in the development of the affectivity and its relationship with the teaching-learning process in high education. For the development of the proposed theme, we've opted for the bibliographical research through the analysis and selection of books and newspapers. The data of the literature evidence that the affective relationships cannot be ignored, because they are part of the human nature and they can interfere in a negative or positive way in the cognitive processes. The affective relationship presupposes interaction, respect for the strange ideas, dedication, changes and interest, making the learning more pleasant and productive. In that context, the good coexistence between the teacher and the students in the university arouses the affection and collective spirit as important and positive factors for the success in the learning. This way, the teacher's work consists of making the victories possible. The teachers need to be sure about what their knowledge, their action project, their coexistence and their affective support to the students so that they'll have the notion of their political position towards their work.

KEY-WORDS: Affectivity. Learning. High Education.

AFFECTIVIDAD Y APRENDIZAJE EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR

RESUMEN: Aprender a vivir y a ser es la gran cuestión que las universidades deben plantear. ¿Hasta qué punto las universidades y sus profesores están educando para la vida y, ayudando los académicos a alcanzar la satisfacción personal? En ese sentido, el presente artículo tiene como objetivo evidenciar la importancia del papel del profesor en el desarrollo de la afectividad y la relación de esta con el proceso enseñanza-aprendizaje en la Enseñanza Superior. Para el desarrollo del tema propuesto, se optó por la investigación bibliográfica, a través del análisis y apuntes de libros y periódicos. Los datos de la literatura evidencian que las relaciones afectivas no pueden ser ignoradas, pues hacen parte de la naturaleza humana y, pueden interferir de forma negativa o positiva en los procesos cognitivos. El relacionamiento afectivo presupone interacción, respecto por las ideas ajenas, dedicación, intercambios e interés, volviendo el aprendizaje más agradable y productivo. En ese contexto, la buena convivencia entre profesor y alumnos en la Universidad despierta afecto y espíritu colectivo, como factores importantes y positivos para el éxito en el aprendizaje. De esta forma, el trabajo del profesor consiste en hacer las victorias posibles. Para que el profesor tenga noción de su ubicación política delante de su trabajo, necesita primeramente tener claridad de lo que sabe, de su proyecto de acción, de su convivencia y del apoyo afectivo a sus alumnos.

PALABRAS CLAVE: Afectividad. Aprendizaje. Enseñanza Superior.

INTRODUÇÃO

Desenvolvimento é o processo através do qual o indivíduo constrói ativamente suas características nas relações que estabelece com o ambiente físico e social. Ao contrário de outras espécies, as características humanas não são herdadas apenas biologicamente, mas também historicamente formadas. De geração em geração, o grau de desenvolvimento alcançado por uma sociedade vai sendo acumulado e transmitido, indo influir, desde o nascimento na percepção que o indivíduo constrói sobre a realidade, inclusive no que se refere às explicações dos eventos e fenômenos do mundo natural.

Aprender “a viver” e aprender “a ser”, é a grande questão que as universidades e os professores necessitam trabalhar. A universidade e os professores devem se perguntar até que ponto estão educando para a vida. Até que ponto estão ajudando os alunos a aprenderem não só a enfrentar a vida, mas a viver a vida com satisfação pessoal.

Os alunos ingressam na universidade com diferenças importantes quanto às suas habilidades. Para Bloom et al. (1974), os educadores eficientes sabem que a pessoa só aprende construindo sobre os pontos fortes e não enfocando as fraquezas. Conseqüentemente, eles constroem a competência (a auto-estima), oferecendo aos alunos tarefas condizentes com o nível de habilidade de cada um. No entendimento do autor mencionado anteriormente, os sucessos dessa abordagem possibilitam que o aluno progrida para o próximo passo. Nessa perspectiva, a universidade deve estar preparada para guiar as emoções dos acadêmicos, no sentido de favorecer atividades construtivas.

Piaget (1969) evidencia que o desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao cognitivo, exercendo profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual. Para este autor, o aspecto afetivo por si só, não pode modificar as estruturas cognitivas, mas pode influenciar nas estruturas que devam ser modificadas.

Nesse sentido, as emoções estão presentes quando se busca conhecer, quando estabelece relações com objetos físicos, concepções ou outros indivíduos. Afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade, embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações dos indivíduos. O afeto pode, assim, ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar, influenciando, ainda, a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

Tanto a inteligência como a afetividade são mecanismos de adaptação, permitindo ao indivíduo construir noções sobre os objetos, as pessoas e as situações, conferindo-lhes atributos, qualidades e valores, portanto, contribuem para a construção do próprio sujeito da sua identidade e visão do mundo.

Assim, se o desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, as características mentais de cada uma das fases do desenvolvimento serão determinantes para a construção da afetividade. Nessa perspectiva, as atividades que enfatizem a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades intelectuais em detrimento ao aspecto afetivo estão ultrapassadas e não atendem às concepções vigentes da educação atual.

Tendo em vista a importância da promoção do desenvolvimento afetivo do aluno como meio de se obter a formação equilibrada e necessária para o aprendizado na universidade e na vida, é preciso que sejam adotadas medidas significativas, consistentes, sistemáticas e eficazes de ação, com vista à promoção e avaliação do aspecto afetivo.

Desta forma, busca-se enfatizar a importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem. Para que o professor tenha noção do seu posicionamento político frente ao seu trabalho ele precisa primeiramente ter clareza do que sabe, do seu projeto de ação, da sua convivência e do apoio afetivo aos seus alunos.

Pensar e sentir são ações indissociáveis. Esta é a idéia que se tenta imprimir e defender neste artigo, tendo como preocupação central transpô-la para o campo educacional do Ensino Superior. Desta forma, expõe-se algumas reflexões acerca do papel da afetividade no funcionamento psicológico e na construção de conhecimentos cognitivo-afetivos.

O presente artigo, portanto, tem como objetivo evidenciar a importância do papel do professor no desenvolvimento da afetividade e a relação desta com o processo ensino-aprendizagem no âmbito do Ensino Superior.

DESENVOLVIMENTO

Afetividade e aprendizagem

O afeto compreende sensações prazerosas, amabilidade e afabilidade, melancolia e apatia moderada, como também emoções extremas, tais como alegria, hilaridade, medo e ódio.

Etimologicamente o termo afeto, é originado do latim *Affectivo*, que significa afeição, amor, inclinação, disposição (FERREIRA, 2001). Assim, o afeto refere-se a qualquer categoria de sentimentos, como distinta do conhecimento ou comportamento.

A afetividade é a capacidade para ter experiências afetivas e reagir

sentimentalmente ou emocionalmente. Segundo Espíndola (2005, p. 23), “trata-se de uma manifestação exterior, nem sempre verdadeira, pois às vezes se esconde por dentro o que se sente. Uma pessoa sensível é rica em afeto, demonstrando verdadeiro respeito ao ser humano”. Afeto significa o cuidado, respeito, responsabilidade e relacionamento com as pessoas.

Segundo Piaget apud Bloom et al. (1974, p. 90), os objetivos educacionais dividem-se em três domínios: o cognitivo, o afetivo e o psicomotor:

Cognitivo: inclui aqueles vinculados à memória ou cognição e ao desenvolvimento de capacidades e habilidades intelectuais; Afetivo: engloba as atitudes e valores, mudanças de interesse, desenvolvimento de apreciações e ajustamento adequado; Psicomotor: é a área das habilidades manipulativas ou motoras. Ato que requer coordenação neuro-muscular.

Esta classificação é adotada como um meio para que melhor se possa estudar e compreender esses domínios. Daí os estudos sobre o comportamento humano serem realizados como se os três aspectos ocorressem separadamente.

A classificação tradicionalmente adotada constitui-se, portanto, em uma abstração e generalização, que interpreta e trata de comportamentos como sendo pertencentes ora a uma classe ora a outra, incorrendo na distorção do fato real por fracionamento do todo.

Segundo Davis e Oliveira (1990), essa fragmentação da análise do comportamento ocorre, freqüentemente, no processo educativo trazendo sérias conseqüências negativas para a formação do educando, haja vista que produz uma visão parcial do aluno, de seu comportamento e de sua problemática, originando a porção desequilibrada, parcial e incompleta do seu desenvolvimento.

É preciso ter sempre em mente o entendimento de que o homem é um ser uno e indiviso, e que seus comportamentos conscientes traduzem, ao mesmo tempo, os três aspectos: cognição, afetividade e psicomotricidade. É possível que, em face de uma determinada situação, um dado comportamento evidencie muito mais um dos seus três aspectos. No entanto, os outros dois, embora menos intensos e até mesmo não aparentes, acham-se atuantes, de maneira a torná-lo possível.

Em se tratando de um comportamento predominantemente intelectual como por exemplo, a aprendizagem em sala de aula, nem por isso deixam de estar presentes os componentes afetivos e psicomotor. A aprendizagem ocorre porque é estimulada por um interesse, atitude ou apreciação, possibilitada por uma tensão neuro-muscular que envolve desde o cérebro até os órgãos sensoriais e os membros.

No comportamento predominantemente afetivo também se nota a atuação do domínio cognitivo e psicomotor. Na manifestação desse comportamento há mudanças nos órgãos internos (coração, estômago), nos músculos e na pele, de maneira a mobilizar o corpo inteiro para a atividade direcionada pela emoção, sentimento ou interesse.

Paralelamente, ocorrem pensamentos, são estabelecidas relações, todos estes, processos cognitivos. Embora os domínios cognitivos, afetivos e psicomotores sejam examinados separadamente para melhor compreensão do estudo, na realidade devem ser analisados interligadamente na determinação do comportamento humano.

Oliveira (1992) enfatiza que o pensamento tem sua origem na esfera da motivação, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulsos, afeto e emoção. Observa-se, assim, a importância atribuída à afetividade na aprendizagem:

Gerenciar a emoção é capacitar o eu que representa a vontade consciente, para administrar a energia emocional da dor. É expandir a energia do amor, da satisfação, da paz interior. É destruir as algemas da ansiedade, do medo, da insegurança. É libertar-se do cárcere da emoção. Gerenciar a emoção é o alicerce de uma vida encantadora. É construir dias felizes, mesmo nos períodos de tristeza. É resgatar o sentido da vida, mesmo nas contrariedades. Não há dois senhores: ou você domina a energia emocional, ainda que parcialmente, ou ela o dominará (Cury, 2003, p. 64).

Visando o desenvolvimento integral do educando, o processo educativo deve buscar harmonizar as três dimensões: cognitiva, afetiva e psicomotora, respeitando o aluno como um ser uno e indiviso. Diversos trabalhos indicam que existe uma íntima correlação entre os comportamentos dos domínios afetivo e cognitivo. Entre estes trabalhos destaca-se o de Bloom et al. (1974, p. 23), que afirma:

Quando um domínio varia positivamente ou negativamente, o outro varia no mesmo sentido. Assim, quando existem interesses e atitudes favoráveis, por parte do aluno, para realizar alguma aprendizagem cognitiva, esta ocorre mais fácil, rápida e eficazmente, sendo o inverso também verdadeiro.

Deduz-se de tais estudos de correlação, o fato de não se poder inferir que, aumentando-se a intensidade de comportamentos do domínio afetivo, obtém-se diretamente maior intensidade de comportamentos do domínio

cognitivo. Também, não se pode inferir que, aumentando-se a intensidade de comportamentos do domínio cognitivo, obtém-se, conseqüentemente, maior intensidade de comportamentos afetivos correspondentes.

É imprescindível ver o aluno como ser individual, pensante que constrói o seu mundo, espaço e o conhecimento com sua afetividade, suas percepções, sua expressão, sua crítica, sua imaginação, seus sentidos... A afetividade no ambiente escolar contribui para o processo ensino-aprendizagem considerando uma vez, que o professor não apenas transmite conhecimentos, mas também ouve os alunos e ainda estabelece uma relação de troca. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, expondo opiniões, dando respostas e fazendo opções pessoais.

É importante destacar que a afetividade não se dá somente por contato físico; discutir a capacidade do aluno, elogiar seu trabalho, reconhecer seu esforço e motivá-lo sempre, constituem formas cognitivas de ligação afetiva, mesmo mantendo-se o contato corporal como manifestação de carinho (MOURA, 2005, p. 1).

Torna-se, então, necessário que se passe a estudar, juntamente com os comportamentos dos dois domínios afetivo e cognitivo, outras variáveis que participam concomitantemente do processo de aprendizagem, uma vez que estas, talvez, possam explicar a relação e o desenvolvimento dos mesmos.

Nesse sentido, Piaget (1969, p. 24) considera que

Não é tanto a aprendizagem cognitiva em si que provoca a formação e intensificação de interesses e atitudes, mas sim, o como essa aprendizagem ocorre, isto é, o processo mais do que o produto determinaria os comportamentos afetivos. Portanto, o tipo de experiência de aprendizagem, mais que o seu conteúdo, torna-se importante nesse sentido.

Essa afirmação parece explicar por que alguns alunos desenvolvem verdadeira aversão por algumas disciplinas cujo conteúdo dominam, mas cujo conhecimento adquiriam à custa de um difícil processo coercivo ou impessoal por parte do professor.

Cada comportamento tem um equivalente de comportamento cognitivo de algum tipo. Há uma tendência no sentido de que a resposta a um objeto, com afeto positivo ou negativo, seja acompanhada de uma estrutura cognitiva.

O papel do educador e as implicações pedagógicas

O aspecto afetivo ou emocional tem uma série de implicações pedagógicas. A afetividade é decorrente do clima em sala de aula, do respeito ao aluno e ao seu desenvolvimento sócio-cognitivo, além da valorização de tudo que se constrói no ambiente de aprendizagem.

Wadsworth (1987) afirma que o professor afetivo não é aquele permissivo em cujas aulas tudo se pode fazer. Ao contrário, é o professor capaz de estabelecer em sala de aula e fora dela relações de respeito onde todos são conscientes de seu papel e de suas limitações, sendo constantemente estimulados à aprendizagem significativa.

Sant'Ana e Manegolla (1989) ressaltam que ao professor cabe despertar consciências adormecidas, ajudando a abrir caminhos, promovendo a ação desencadeadora de liberdades. Os autores salientam que o professor educa e forma personalidade. Sua presença é um apelo, uma interpelação dirigida ao íntimo das pessoas. O professor na percepção das autoras citadas, não é apenas aquele que desempenha uma função, que alcança, para lá das operações discursivas da inteligência da memória, uma expressão imediata e direta de si próprio.

É a pessoa que não permanece apenas no racionalismo lógico, mas que vai além, penetrando profundamente a estrutura das pessoas, porque ele dá de si e se compromete com os outros, não se recusando a intervir e a responder aos apelos que lhe são feitos. A intervenção do professor não é uma intervenção de ruptura das personalidades, mas de abertura. Sua presença é presença que permite à pessoa se libertar e se auto-realizar (SANT'ANA; MENEGOLLA, 1989, p. 37).

Desta forma, o trabalho pedagógico deve ser fundado no conhecimento, e toda a ação do professor, ao ser planejada, não pode perder de vista a eficiência com que o saber deve ser repassado aos educandos. E essa eficiência, por sua vez, supõe que as relações humano-afetivas que se estabelecem em sala de aula, devem ser baseadas na empatia, na aceitação do outro e na busca conjunta de soluções de problemas que porventura surjam envolvendo os próprios acadêmicos.

Conforme Saltini (1999), o educador precisa avaliar o seu trabalho constantemente de modo a buscar fazer sempre melhor o processo educativo. Nesse sentido, deve ser um questionador do seu saber, de seus métodos e técnicas, de suas práticas pedagógicas, conscientes do que faz e para quê faz.

A educação abrange não só a aprendizagem por meio da instrução e de exercícios, mas implica também, um fim ou objetivo que deve ser preenchido por

essa aprendizagem. É um dos princípios fundamentais da educação, o fato de que o desenvolvimento sistemático do conhecimento e das habilidades, a formação metódica de hábitos de pensamentos e de ação, não tem nenhuma significação a não ser que visem a realização da perfeição humana.

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as pessoas o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disto, com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDDT, 1972, p. 274).

Assim, a educação envolve o desenvolvimento natural e harmonioso de todos os poderes e aptidões do indivíduo. Consiste na construção de uma organização de conhecimentos e técnicas, hábitos e atitudes, de virtudes e ideais, que ajudem na realização dos objetivos da vida. O principal objetivo da educação é de auxiliar cada indivíduo a se tornar em tudo aquilo que ele tem capacidade para ser. O verdadeiro fim da educação não é apenas de preparar o aluno para ganhar a vida, mas “ajudá-lo” a viver sua vida. Todavia, a universidade não pode preparar o aluno para todas as atividades que constituem sua vida.

Portanto, a aprendizagem na universidade deve desenvolver e fortalecer a direção, a instrução e a orientação, os poderes, as capacidades, as aptidões de perceber, sentir, imaginar, lembrar, pensar, julgar, raciocinar e querer. O desenvolvimento de conhecimentos valiosos, habilidades, hábitos, atitudes, ideais e virtudes que possibilitarão o indivíduo a enfrentar eficientemente os problemas da vida, depende da possibilidade de transferir a aprendizagem. É então, a medida da transferência de aprendizagem, o grau pelos quais os poderes, as aptidões e habilidades do indivíduo funcionam nas situações da vida.

Conforme Saltini (1999), mais do que saber as respostas para as questões de hoje, o aluno deve ser incentivado ao exercício da produção do próprio pensamento, que o torna apto a enfrentar as questões que aparecerão no decorrer de sua vida. Não se trata propriamente de ensiná-lo, mas prepará-lo para os desafios atuais e principalmente, os futuros.

As exigências do século XXI apontam a necessidade da presença de um professor inovador que atenda às necessidades deste novo século. No aprender a aprender, o professor é visto como educando em potencial, pois parte-se do princípio de que “[...] quem educa, também aprende, transforma-se no próprio

ato de educar, na relação que estabelece entre professor e aluno” (MORAES, 1997, p. 150).

Utilizando-se do aprender a aprender, segundo Moraes (1997, p. 163), o professor deve favorecer o desenvolvimento da intuição e do processo criativo. A autora evidencia a importância da criação de ambientes de aprendizagem que favoreçam o desenvolvimento de diferentes estágios que caracterizam o processo de geração de novas idéias, novas generalizações, de novas expressões poéticas. Esse ambiente favorecerá a intuição e a criatividade, a emoção do descobrimento e a inovação, ao invés da “decoreba”.

Nesse mesmo sentido, Behrens (2000), ressalta que é preciso contemplar atividades que ultrapassem as paredes das salas de aulas. Para o autor, é preciso transformar a vida da aula e da universidade, de modo que aluno e professor possam vivenciar práticas sociais e intercâmbios acadêmicos que induzam à solidariedade, à colaboração, à experimentação compartilhada, assim como outro tipo de relação com o conhecimento e a cultura que estimulem a busca, o contraste, a crítica, a iniciativa e a criatividade.

Sob esse prisma, o papel do professor é o de colaborador para com a aprendizagem do aluno, mantendo diálogos com ele e constituindo-se de ponte entre o texto, o contexto e o seu produto, colaborando para que ocorra integração nos mais diferentes níveis: entre sujeito e objeto, indivíduo e contexto, mente e corpo, consciente e inconsciente, educando e educador, traduzindo os diversos processos interativos que surgem a cada momento.

Justifica-se, portanto, a relevância da afetividade no processo educativo e destaca-se a atenção que os professores devem dar à ela, tendo em vista que exercem função fundamental de orientação do comportamento, e que sem ela nem o homem nem os grupos sociais subsistiriam saudavelmente.

Para Moreno (1998) integrar o que se ama com o que pensa é trabalhar, de uma só vez, razão e sentimentos; supõe elevar estes últimos à categoria de objetos de conhecimento, dando-lhes existência cognitiva, ampliando, assim, seu campo de ação. Trabalhar pensamentos e sentimentos, dimensões estas indissociáveis, requer dos profissionais da educação a disponibilidade para se aventurarem por novos campos de conhecimento e da ciência para darem conta, minimamente, de realizarem as articulações que a temática solicita.

Nessa perspectiva, tem-se uma nova e difícil atividade que exige coragem para enfrentar o desafio posto: buscar novas teorias e abrir mão de verdades há muito estabelecidas. Desafio relevante para o avanço da educação. Pode-se dizer que a recusa a este trabalho contribuirá para a consolidação do ‘analfabetismo emocional’ na sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sentimentos e as emoções constituem as forças básicas da vida e estão intimamente relacionados à ação. Seria um grande passo avante se a universidade estivesse preparada para lidar com os problemas de conduta, com a mesma energia que tem caracterizado seus esforços realizados no sentido de desenvolver a capacidade intelectual dos alunos. O ideal da universidade deve ser o de formar indivíduos capazes de controlar suas emoções inferiores, que saibam dominar-se e dirigir-se, que sintam prazer com as coisas belas e elevadas da vida.

A este propósito é que a formação dos professores é apontada como o caminho para se obter a esperada qualidade da universidade brasileira. Obviamente, não será apenas formando profissionais da educação mais competentes para o atual momento histórico, que será possível alcançar patamares mais elevados de rendimento educacional. Dificilmente a educação obterá êxito sem a participação de professores comprometidos com o seu papel afetivo na prática docente, conscientes, portanto, do seu papel de formadores de novas gerações, de muitos cidadãos que continuarão (ou não) a caminhada por uma sociedade democrática.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, H. **Entre o passado e o futuro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BEHRENS, M. A. Formação pedagógica e os desafios do mundo moderno. In: MASETTO, M. **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 2000.
- BLOOM, B. S. et al.. **Taxonomia de objetivos educacionais: domínio afetivo**. Porto Alegre: Globo, 1974.
- CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1990.
- ESPÍNDOLA, M. **A construção da afetividade**. Disponível em: <<http://www.entreamigos.com.br/temas/educa/edu5.htm>>. Acesso em: 5 maio 2005.
- FERREIRA, A. B. D. H. **Mini-aurélio-Século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MORAES, M. C. **Novas tendências para o uso das tecnologias da informação na educação**. Campinas: Summus, 1997.
- MORENO, M. Sobre el pensamiento y otros sentimientos. **Cuadernos de Pedagogia**, Barcelona, v. 271, p. 12-20, 1998.

MOURA, L. T. **A relação da afetividade com a inteligência**. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=747>>. Acesso em: 21 dez. 2005.

OLIVEIRA, M. K. O problema a afetividade em Vigotsky. In: LA TAILLE, A. **Piaget, Vigotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

PIAGET, J. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência: a emoção na educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

SANT'ANA, I. M.; MENEGOLLA, M. **Didática: aprender a ensinar**. São Paulo: Loyola, 1989.

WADSWORTH, B. J. **Piaget para o professor da pré-escola e 1º grau**. São Paulo: Pioneira, 1987.

Recebido para publicação em 16/02/2006
Received for publication on 16 February 2006
Recibido para publicación en 16/02/2006
Aceito para publicação em 20/06/2006
Accepted for publication on 20 June 2006
Acepto para publicación en 20/06/2006